

O RÁDIO É RACISTA? UM OLHAR A PARTIR DE RADIALISTAS NEGROS E GAÚCHOS

*IS RADIO RACIST? A LOOK AT BLACK AND GAUCHO
BROADCASTERS*

*¿ES RACISTA LA RADIO? UNA MIRADA A LOS LOCUTORES NEGROS Y
GAUCHOS*

*Original recebido em: 01 de abril de 2025
Aceito para publicação em: 22 de abril de 2025
Publicado em: 04 de julho de 2025*

Valesca Silva de Deus
Ana Paula da Silva Menezes

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão acerca do conteúdo discutido durante a 1ª edição do evento *NER Pergunta: O rádio é racista?* promovido pelo Núcleo de Estudos de Rádio (NER), em 19 de novembro de 2024 e transmitido via *YouTube*. No evento, três radialistas negros e gaúchos (Antônio Carlos Côrtes, Denise Cruz e Renê Almeida) responderam a questionamentos formulados pelos internautas da transmissão. A pesquisa está ancorada a partir da perspectiva do *racismo cotidiano* de Grada Kilomba (2019) que ocorre de maneira sutil, velada e muitas vezes normalizada, tornando-se um elemento estrutural da sociedade e na Comunicação. O processo metodológico ocorre por meio da decupagem da entrevista com os radialistas, aliada à observação qualitativa dos relatos. A análise das narrativas apresentadas no encontro revela percepções significativas sobre práticas racistas no contexto da radiofonia brasileira e sobretudo gaúcha, discutindo-as à luz do Dia Nacional da Consciência Negra.

Palavras-chave: Negritude na comunicação; Negros no rádio; Racismo no rádio; Rádio; Rádio gaúcho.

ABSTRACT

The article presents a reflection on the content discussed during the 1st edition of the *NER event Asks: Is radio racist?* promoted by the Center for Radio Studies (NER), on November 19, 2024 and broadcast via *YouTube*. In the event, three black broadcasters from Rio Grande do Sul (Antônio Carlos Côrtes, Denise Cruz and Renê Almeida) answered questions posed by Internet users. The research is anchored from the perspective of *everyday racism* by Grada Kilomba (2019), which occurs in a subtle, veiled

and often normalized way, becoming a structural element of society and in Communication. The methodological process takes place by decoupling the interview with the broadcasters, combined with qualitative observation of the reports. The analysis of the narratives presented at the meeting reveals significant insights into racist practices in the context of radio broadcasting in Brazil and especially in Rio Grande do Sul, discussing them in the light of National Black Awareness Day.

Keywords: Blackness in communication; Blacks on the radio; Gaúcho radio; Racism on the radio; Radio.

RESUMEN

El artículo presenta una reflexión sobre el contenido debatido durante la 1ª edición del evento *NER Pergunta: ¿Es racista la radio?* promovido por el Centro de Estudios Radiofónicos (NER) el 19 de noviembre de 2024 y transmitido a través de *YouTube*. En el evento, tres locutores negros del estado de Rio Grande do Sul (Antônio Carlos Côrtes, Denise Cruz y Renê Almeida) respondieron a preguntas planteadas por los internautas. La investigación está anclada en la perspectiva del *racismo cotidiano* de Grada Kilomba (2019), que ocurre de forma sutil, velada y muchas veces normalizada, convirtiéndose en un elemento estructural de la sociedad y en Comunicación. El proceso metodológico pasa por el decoupage de la entrevista con los locutores, combinado con la observación cualitativa de los reportajes. El análisis de las narrativas de presentadas en el encuentro revela importantes perspectivas sobre las prácticas racistas de en el contexto de la radio brasileña, especialmente en Rio Grande do Sul, discutiéndolas a la luz del Día Nacional de Concienciación Negra.

Palavras-chave: La radio gaúcha; Negritud en la comunicación; Negros en la radio; Racismo en la radio; Radio.

1. INTRODUÇÃO

Com intuito de discutir o racismo no rádio, como meio de comunicação relevante na sociedade, o Núcleo de Estudos de Rádio (NER)¹ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), promoveu no dia 19 de novembro de 2024, a primeira edição do evento *NER Pergunta: O rádio é racista?*. Na oportunidade, três radialistas negros responderam questionamentos promovidas pelos internautas que acompanhavam a transmissão. Os convidados foram: Antônio Carlos Côrtes, advogado, escritor e militante da pauta racial com ênfase no Rio Grande do Sul e um dos fundadores do Dia Nacional da Consciência Negra; a jornalista, mestra em psicologia social e apresentadora da 102.3 FM e Rádio Gaúcha do Grupo RBS, Denise Cruz; e o jornalista e repórter da Agência Radioweb, Renê Almeida. Em seu currículo, Renê conquistou menção honrosa no Prêmio ARI de Jornalismo 2018 e foi vencedor na categoria rádio do Prêmio ABP de jornalismo em 2022. O evento durou cerca de 1h50 e está disponível no canal do NER no *YouTube*.

¹ Constitui-se como um núcleo de pesquisa que contribui para o desenvolvimento e a divulgação de estudos sobre o rádio no país. Disponível em: <https://nergrupo.wordpress.com/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

O rádio ocupa um espaço fundamental na comunicação do Rio Grande do Sul, sendo um dos principais meios de informação e entretenimento do estado. Com uma tradição de forte vínculo com a comunidade, ele desempenha um papel essencial na formação da opinião pública, na preservação da cultura gaúcha e na difusão de importantes debates políticos. Com base nisso, a ausência de pessoas negras ocupando papéis relevantes nos microfones das emissoras gaúchas, não provoca discussões necessárias sobre a diversidade negra e torna a possibilidade do racismo se perpetuar em redações, emissoras comerciais e pelas ondas do rádio uma latente realidade. Neste artigo, trabalha-se com o conceito de *racismo cotidiano* e suas perspectivas, proposto por Grada Kilomba (2019) no qual preocupa-se em discutir a posição da voz negra em meio a sociedade. Conforme a autora, trata-se de:

[...] todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “*Outra/o*” - a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como o *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca* (Kilomba, 2019, p.78, grifo da autora).

A partir deste ponto, entende-se que o termo pode aparecer de diferentes formas e situações em que colocam o sujeito negro ou negra sempre na posição de “*outridade*” como apontado no texto. Para ela, essas pessoas passaram a ocupar o formato de *tabu*, imposto pela branquitude e composto por estereótipos no qual somente a população negra carrega, como por exemplo, na representação recorrente de pessoas negras como figuras hipersexualizadas ou perigosas em filmes e novelas; no estranhamento ou fetichização de traços físicos negros (como pele escura ou lábios grossos) em ambientes majoritariamente brancos; ou ainda na ausência ou sub-representação de pessoas negras em cargos de liderança e destaque, naturalizando a branquitude como norma.

Neste sentido, a imposição do silêncio, à possível delação de segredos que poderiam ser revelados pelo sujeito negro torna o direito à fala um problema, pois o segredo, para autora, é “uma expressão da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo” (Kilomba, 2019, p. 41). Em seu livro *Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano*, Grada explora a ideia de que a “*boca*” é um importante órgão do corpo humano e que pode ser metaforicamente associada à posse, ao poder de fala ou ao lugar de fala do ser humano. De imediato, ela apresenta a figura de Anastásia, uma negra escravizada que usava um colar de ferro na boca que a impedia de falar. A história contada na obra, mostra que na metade do século XX, Anastásia tornou-se um símbolo de brutalidade da escravidão carregando a marca do racismo na pele.

Com base nesta reflexão inicial, propõe-se pensar: em que posição o sujeito negro está em relação ao rádio como meio de comunicação? Ele ou ela ocupam lugares de vozes ativas ou de escutas? Os negros e as negras estão entre os que opinam ou os que se escutam? São representantes ou compõem os cargos subalternos? Para Grada Kilomba, o sujeito negro carrega uma máscara que o impede de falar a verdade, construída pela branquitude ao longo de todos estes anos para que o sistema de opressão invisível permaneça, ou seja, “o ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/es (Castro Varela e Dhawan, 2003 apud Kilomba, 2019, p. 42). Neste contexto, tratar especificamente do Rio Grande do Sul, torna-se uma tentativa de regionalizar o olhar voltado analisar a negritude e o meio radiofônico, pois conforme disse Antônio Carlos Côrtes durante o evento, “o Rio Grande do Sul, é o estado mais racista do Brasil” (informação verbal²). De certa forma, a população negra ocupa menos de 40% do total, entre Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conforme o Censo do IBGE de 2022, o percentual de pessoas autodeclaradas negras é mais abrangente no restante do país em relação ao Sul (Belandi; Gomes, 2023).

Portanto, o objetivo geral deste artigo é compilar as ideias dos participantes do 1º *NER Pergunta*, organizando-as a partir das perguntas realizadas no evento. A metodologia adotada inclui a decupagem das entrevistas com os radialistas, aliada à análise qualitativa dos relatos. O estudo está estruturado em dois tópicos: (1) “*O rádio é racista? A formação da consciência negra*” e (2) “*O racismo estrutural nos bastidores do rádio*”, seguido das considerações finais.

2. O RÁDIO É RACISTA? A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

O argumento da ausência de pessoas negras na comunicação se apoia e se exemplifica por figuras como Glória Maria e Maju Coutinho na televisão, que antes ou depois delas, pouco se sabe sobre mulheres negras que ascenderam na TV, as demais mulheres presentes em meios de comunicação de massa, são esquecidas, silenciadas e colocadas à margem das histórias, logo, a presença ou a visibilidade de poucas pessoas pretas na mídia social, carrega o peso de contar a história e, principalmente, de representar por inúmeras ausências.

Ao observar também os principais programas de rádio e de jornais, percebe-se uma presença reduzida ou silenciada de profissionais negros nesses espaços. No entanto, o cenário do silenciamento vem se transformando com o protagonismo da internet e o fortalecimento das mídias alternativas. No rádio, essa mudança não se manifesta em registros históricos que

²As citações com informações verbais correspondem às falas dos entrevistados durante o 1º *NER Pergunta*.

costumam relatar a relevante trajetória do meio no Rio Grande do Sul e a intensidade da internet também não altera os dados. Neste sentido, especula-se que a principal relação entre a negritude gaúcha e o rádio tenha ocorrido com a fundação da Rádio Princesa AM 780, nos anos 1980, em Porto Alegre. Isto pois, nesta emissora, uma significativa presença negra de locutores, produção e conteúdo negro, movimentou e fortaleceu o processo cultural na capital gaúcha. Antônio Carlos Côrtes, um dos precursores da Rádio Princesa detalhou durante o 1º *NER Pergunta* como ela surgiu:

Lembro com muito orgulho de ter sido um dos precursores da Rádio Princesa, que surgiu a partir da Rádio Jornal do Comércio. Na época, pediram-me para gravar um programa piloto voltado ao Carnaval e ao samba, que chamei de *Quadra de Samba*. No entanto, como já tinha certo envolvimento com o ativismo, não aceitei permanecer no projeto. Ainda assim, a ideia seguiu adiante, e nomes como Mário Bartosch e outros deram continuidade ao programa. Como bem disse Renê, o samba e o pagode se identificavam com a linha musical e, de certa forma, com a linha editorial da Rádio Princesa, que tinha uma forte cobertura do Carnaval (Côrtes, 2024, informação verbal).

A Rádio Princesa AM 780 mostrou um papel importante de visibilidade e fortalecimento da identificação negra na capital, conforme o pesquisador Pedro Fernando Rosa, em um artigo sobre etnomusicologia negra. Para ele, esse artigo sobre a Black Rádio “chamou atenção para audiência, bem como avaliou a Rádio Princesa como parte do seguimento popular negro, algo não mencionado em análises de audiência no Brasil” (Rosa, 2020, p. 232). Desde então, não há conhecimento popular de presença negra tão significativa em outras emissoras comerciais da capital, “ao ouvir essas narrativas fui percebendo que a Rádio Princesa foi a que, ao longo da sua história (*sic*) apresentou mais radialistas negros do que as outras rádios em Porto Alegre, por exemplo, a Farroupilha e a Rádio Gaúcha, líderes no segmento” (Rosa, 2020, p. 231). Com base nisso, Denise Cruz afirmou durante a transmissão, sobre a necessidade de uma rádio como a Princesa:

Quero destacar a importância da Rádio Princesa. Essa emissora teve um papel fundamental como rádio de representatividade, trazendo a cultura negra em sua essência. Meus pais sempre tiveram uma forte ligação com as sociedades de cultura negra, então esse tema está muito presente na minha vida. Quando olho para o cenário atual das rádios, percebo que, no passado, a Rádio Princesa foi essencial para dar visibilidade à negritude. Hoje, sentimos um grande vazio na programação das rádios nesse sentido. A existência de uma rádio como a Princesa ainda é extremamente necessária (Cruz, 2024, informação verbal).

Além disso, não era só de música *black* que a Rádio Princesa transmitia, o jornalismo e entrevistas também estavam presentes. Em outro ponto de vista, a tese da professora e pesquisadora Sandra de Deus (2005), vai tratar, em parte, da Rádio Princesa como visibilidade social estando entre as emissoras que apresentavam forte abrangência política de esquerda.

Segundo a pesquisa de Deus (2005), a rádio estava entre as seis emissoras monitoradas pela *Frente Popular em Porto Alegre* que “abriam espaços para as reclamações dos ouvintes e transformavam essas manifestações em pautas” (Deus, 2005, p.78). Na observação do período contemporâneo, radialistas negros como Cruz e Almeida abordam princípios antirracistas na sociedade e, sobretudo na comunicação. A fim de esclarecimentos, a abordagem antirracista, refere-se a atitudes contra a discriminação racial, acompanhado de ferramentas atuais comunicacionais, assim como afirma Gonzalez (2020), quando trata da relevância do movimento negro.

O movimento negro desempenhou um papel de extrema relevância na luta antirracista em nosso país, sensibilizando inclusive os setores não negros e buscando mobilizar as diferentes áreas da comunidade afro-brasileira para a discussão do racismo e suas práticas (Gonzalez, 2020, p. 101).

Neste contexto, para Beatriz Nascimento (2022), o racismo está presente na sociedade brasileira, e é retratado nos meios de massa, mesmo que seja de forma suavizada. Isto pois, as mídias comunicacionais, como a TV, veiculam uma imagem ou uma ideologia do sujeito negro que não tem base histórica, social ou mesmo individual, apenas fundamental e perpetuam preconceitos estereotipados desses sujeitos enquanto um indivíduo tolo, dócil, serviu, ignorante e medroso. “Eu vejo a ideologia como responsável pelas distorções da realidade do passado e do presente” (Nascimento, 2022, p. 46). Deste modo, na ocasião em que trata de racismo na mídia, Nascimento (2022), propõe que *o negro visto por ele mesmo*, isto é, retratado por ele mesmo, convida-nos a uma representação de quem possui o lugar de fala, assim como ocorreu na Rádio Princesa. Dessa forma, interpreta-se que ter pessoas negras em ambientes comunicacionais é assegurar um olhar racializado para questões cotidianas. Essas questões cotidianas podem ser interpretadas como representatividade em espaços de poder na comunicação, informações que impactam a população negra, a possibilidade da diminuição da violência racial e de gênero, oportunidade de mudança coletiva, divulgação de elementos plurais inseridos em programações em meios de massa, inspiração ao acesso à educação superior etc.

Sob esse aspecto, o rádio pode ser considerado um meio que reproduz o racismo, assim confirmado por Antônio Carlos Côrtes, Denise Cruz e Renê Almeida. Esse preconceito se manifesta de forma cotidiana, de maneira sutil ou até explícita, refletindo a estrutura discriminatória presente na sociedade. No contexto radiofônico, essa exclusão ocorre tanto na ausência de profissionais negros em posições de destaque, quanto na forma como as pautas e narrativas são construídas, limitando a representatividade e a diversidade de vozes no meio.

Para Côrtes, o racismo se manifesta no mercado de trabalho e atinge o rádio, frequentemente negligenciado em pesquisas sobre desigualdades no setor. Diversos profissionais dependem do trabalho nas emissoras de rádio para sustento, e, ao longo do século XX, sujeitos negros buscavam por meio do rádio, um espaço altamente desejado, oferecendo visibilidade, remuneração e credibilidade social (Pereira, 2001).

No mercado de trabalho, de modo geral, e no rádio não é diferente: os negros são os últimos a serem admitidos e os primeiros a serem demitidos. Lembro que, recentemente, por coincidência ou não, os primeiros demitidos de uma grande emissora foram os profissionais negros, que só após muito tempo conseguiram ser admitidos em outros veículos. Como justificativa, alegou-se que a decisão se dava por motivos de saúde ou pela necessidade de dedicação a projetos pessoais. Ao longo da minha carreira, percebi um certo diferencial, como o imprevisto no rádio, no qual os radialistas negros demonstravam melhor desempenho. Não sei se por se dedicarem mais ou por outros fatores, mas, sim, o rádio é racista. Presenciei muitas piadas racistas direcionadas aos negros que trabalhavam nesses espaços (Côrtes, 2024, informação verbal).

Segundo Denise Cruz, o rádio é uma poderosa ferramenta de representatividade social e formação de opinião pública, atuando de forma ampla e não segmentada. Com o fortalecimento das redes sociais, essa influência se expande ainda mais, tornando essencial que a população se reconheça tanto nas vozes que ecoam no rádio, quanto nas imagens que agora também fazem parte desse sistema.

Acredito que muitos dos nossos espaços no rádio precisam rever seu papel dentro de uma sociedade racista, na qual o rádio desempenha uma função fundamental na representatividade. Durante muito tempo, imaginou-se o rádio como um meio em que os profissionais precisavam apenas ter uma voz bonita. Hoje, além da voz, o rádio tem imagem e, por isso, é essencial que nos reconheçamos nesse espaço de representatividade e exemplo (Cruz, 2024, informação verbal).

Sem muitas referências negras e femininas no rádio, Denise está entre as pioneiras na locução de rádio no estado e com forte protagonismo na Rádio Gaúcha, mesmo que sem grande repercussão midiática, como declarou:

Quando cheguei ao rádio, havia poucas mulheres trabalhando no meio, especialmente no entretenimento, onde eram ainda mais raras. Minhas referências sempre foram muito distantes, sem que eu conseguisse me aprofundar. Hoje, mesmo com pouca representatividade, já temos alguns espaços que servem de inspiração, mas ainda estamos longe do ideal. Acredito que os profissionais negros não precisam falar apenas sobre comunidade, periferia ou estereótipos ligados à negritude. O negro pode ocupar muitos outros espaços além da periferia (Cruz, 2024, informação verbal).

Ao longo de sua carreira, em 2006, ela foi a primeira mulher e negra a apresentar o programa *Notícia na Hora Certa*, da Rádio Gaúcha; anos mais tarde, em 2014, foi escalada para apresentação do *Supersábado* ao lado de Wianey Carlet, em que se tornou também a

primeira apresentadora negra deste programa, em substituição de Gabrieli Chanas até 2016. Passou cinco anos fora da RBS trabalhando em outro veículo e desde setembro de 2021, retornou para apresentação dos programas da 102 FM e *Supersábado* na Gaúcha. *A não presença de mulheres negras no rádio* também ocorre nas pesquisas de campo, conforme Caroline e Deus (2024), um recorte temporal de trabalhos com esta temática entre 2017 e 2022 resultou apenas em uma dissertação no campo da história, mostrando uma baixa produção acadêmica do tema.

A estigmatização da espontaneidade e presença de mulheres negras em diversos espaços, ainda que seja violenta e problemática, é uma prática comum e está diretamente relacionada às lógicas de racismo e operam em uma dupla articulação de subalternidade sofrida esse grupo na sociedade, tanto pelo âmbito da raça, como do gênero. A participação dessas mulheres em posições de importância e protagonismo, mesmo no rádio e na música, meios em que antigamente os ouvintes tinham acesso apenas às vozes dos interlocutores, é frequentemente cerceada em todos os setores da sociedade e condicionada às lógicas sociais opressoras, entretanto essa prática não se restringe apenas às mulheres, uma vez que também contempla aos homens negros (Caroline; Deus, 2024, p. 166).

Além de Denise Cruz, o jornalista Renê Almeida também aponta o rádio como um espaço em que o racismo se manifesta, para ele, o problema é estrutural e se estende para toda a imprensa. Sua paixão pelo futebol o levou a perceber a escassez de profissionais negros nesse segmento, refletindo a falta de representatividade e referências na área esportiva e radiofônica.

Acredito que essa lógica se repete na imprensa em geral e em diversos mercados de trabalho, especialmente nos espaços de poder, onde há poucas pessoas negras. No rádio, isso não é diferente. Sempre gostei de rádio e futebol e entrei nesse meio movido pelo desejo de debater teses esportivas. No entanto, sempre observei a ausência de homens negros comentando e narrando. Mesmo que, com esforço, possamos lembrar de um nome ou outro, a verdade é que a presença negra é minúscula (Almeida, 2024, informação verbal).

Em sua fala no 1º *NER Pergunta*, explicou que o rádio também reproduz a lógica de exclusão social do negro “quando não há negros na equipe, faltam pautas específicas que poderiam ser abordadas a partir desse lugar de fala” (Almeida, 2024, informação verbal). Além disso, ele destaca a responsabilidade de líderes em promover a diversidade, garantindo mais oportunidades para grupos historicamente marginalizados, como negros, LGBTQIAPN+, mulheres, pessoas com deficiência, entre outros: “vejo isso como uma responsabilidade dos gestores, que devem estar atentos à diversidade” (Almeida, 2024, informação verbal). Essa fala exemplifica o que Kilomba (2019, p. 67) define como “a margem e o centro”, pois baseada em bell hooks³, trata-se de “ser parte do todo, mas fora do corpo principal”, ou seja, compreender

³“Em 1952, no sul dos Estados Unidos, em Hopkinsville, nascia Gloria Jean Watkins. Ela optou pelo pseudônimo de sua bisavó, Bell Blair Hooks, que foi uma mulher “que não teve medo de erguer a voz”, mesmo numa época e

tanto as perspectivas da margem para o centro e do centro para a margem.

Neste ponto, Kilomba (2019, p. 68), não tenta romantizar a opressão de falar da margem, mas sugere que “a margem é um local que nutre a nossa capacidade de resistir a opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos”. Dessa maneira, a formação da consciência negra no rádio gaúcho ocorre por meio de comunicadores e iniciativas que dão voz às pautas antirracistas e promovem a valorização da cultura negro-gaúcha, como observado por Denise Cruz:

Meu lugar é falar de entretenimento, área em que atuo com mais frequência. Na 102.3, tento trazer pautas que vão além da arte, abordando também outros eventos que envolvam nossa representatividade. Dentro do *Supersábado*, na Rádio Gaúcha, busco sempre dar espaço para artistas negros, oferecendo voz e visibilidade no mercado musical. Como rádio, temos a responsabilidade de amplificar essas vozes (Cruz, 2024, informação verbal).

O relato de Cruz (2024) articula-se com o que Kilomba (2019), chama de “representante da raça”, ao evidenciar a condição de ocupar um espaço historicamente limitado à profissionais negros e, ao mesmo tempo, utilizar a própria voz como instrumento de representação coletiva no rádio: “Esse status de ter de representar a *negritude* anuncia o racismo: ela tem de representar aquelas/es que não estão lá, e pessoas *negras* não estão lá porque seu acesso às estruturas é negado. Um círculo duplo, de inclusão e exclusão” (Kilomba, 2019, 173).

Ao longo da história, o rádio tem se configurado como um espaço ambivalente, caracterizado pela exclusão quanto pela resistência. Nesse contexto, radialistas negros têm historicamente enfrentando desafios significativos para ocupar espaços nos microfones e para debater sobre questões raciais. Como prova disso, estão as atuações de Antônio Carlos Côrtes, Denise Cruz e Renê Almeida que contribuem para desconstruir estereótipos, fomentar o pertencimento racial e ampliar a discussão sobre equidade e justiça social no estado.

Quando faço reportagens, busco entrevistar homens e mulheres, negros e brancos, abordando questões de diversidade. Durante a cobertura da enchente, tive a oportunidade de ouvir histórias comoventes, o que me permitiu exercer sensibilidade e dar voz às pessoas certas. Os negros não falam apenas sobre racismo, mas sobre qualquer assunto (Almeida, 2024, informação verbal).

Na oportunidade, Côrtes também compartilhou um pouco do trabalho realizado quando esteve no rádio. O advogado destacou a necessidade de trabalhar a autoestima do negro pelas ondas sonoras, assim como realizou na Rádio Farroupilha.

sociedade segregadas. A grafia do nome em minúsculo vai a contrapelo das produções acadêmicas e busca enfatizar mais a escrita e as reflexões do que a figura do autor” (Pinto, 2023, p. 1).

Mais tarde, quando fui contratado pela RBS para atuar na Rádio Farroupilha, levei comigo essa valorização do Carnaval e do samba. Na época, tínhamos uma “disputa amigável” entre mim e Wanderley Rosa, gerente da Rádio Princesa, pois ambos buscávamos promover o samba e elevar a autoestima do povo negro por meio da música e da representatividade. Acredito que a Denise deve lembrar que eu sempre tocava *Zé do Carço*, de Leci Brandão, uma canção que falava justamente sobre resistência e protagonismo negro. Além da programação musical, eu procurava sempre entrevistar grandes nomes do samba e da cultura negra. Foi um privilégio receber no estúdio da Rádio Princesa, e depois na Rádio Farroupilha, artistas como Jamelão, Quinho, Bebeto da Portela, entre tantos outros. Eram momentos especiais, pois, além de compartilharem suas histórias, esses artistas traziam consigo toda a riqueza cultural das comunidades negras cariocas (Côrtes, 2024, informação verbal).

Os relatos de Antônio, Denise e Renê, evidenciam que a presença de profissionais negros nas equipes de rádio e de radiojornalismo proporciona uma abordagem mais diversa e inclusiva. A partir de suas vivências, essas vozes trazem uma perspectiva racial que enriquece o conteúdo produzido, ampliando a representatividade e promovendo uma narrativa mais plural e conectada com a realidade da população negra. Neste caso, Kilomba pontua como um processo de identificação negra entre pares:

Neste estado, o *sujeito negro* inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas *negras*: sua (s) história (s), suas biografias, suas experiências, seus conhecimentos etc. Essa série de identificações previne o *sujeito negro* da identificação alienante com a branquitude (Kilomba, 2019, p. 237, grifo da autora).

Essa dimensão coletiva e afirmativa da presença negra no rádio, evidenciada tanto pelos relatos contemporâneos quanto pela teoria de Kilomba (2019), dialoga com os apontamentos de João Baptista Borges Pereira (2001), que historicizou as barreiras estruturais enfrentadas por profissionais negros na radiodifusão paulista na década de 1960. O autor (2001), reconhece que o problema não reside em trajetórias individuais, mas em determinadas variáveis (sociais, econômicas e culturais) a qual condicionam o acesso do homem e da mulher negra às oportunidades profissionais e neste caso, a radiodifusão. Para ele, o problema é estrutural. Outro fator destacado por Pereira (2001), diz respeito a posição social da profissão, como ela é vista, remunerada ou valorizada que podem acionar as chances de crescimento e reconhecimento na carreira de radialista. Considerando essas observações sobre valorização social da profissão, a segunda parte do artigo “*O racismo estrutural nos bastidores do rádio*” dá continuidade à análise ao abordar às demais perguntas realizadas aos convidados durante a transmissão do evento em 19 de novembro de 2024.

3. O RACISMO ESTRUTURAL NOS BASTIDORES DO RÁDIO

Segundo os radialistas palestrantes do evento, a presença do racismo estrutural nos bastidores da radiofonia gaúcha se manifesta na baixa representatividade de profissionais

negros em cargos de destaque, na falta de oportunidades para ascensão na carreira e na reprodução de estereótipos nos conteúdos veiculados. Além disso, a ausência de políticas de inclusão e a predominância de gestores não negros dificultam a diversidade nas equipes, limitando a pluralidade de vozes e perspectivas no meio radiofônico como visto na primeira parte do artigo. Logo, a entrada de pessoas negras dentro desses espaços privilegiados de comunicação altera as dinâmicas do sistema, suscitando temáticas importantes para esses sujeitos, abordando suas narrativas e vivências e, principalmente, recontando as *histórias únicas* (Adichie, 2019) contadas e perpetuadas por áreas do conhecimento, como a comunicação. Conforme argumenta Nascimento (2021), a escrita da história negra deve ser conduzida pelos próprios sujeitos negros, protagonistas de suas trajetórias e experiências.

Não podemos aceitar que a história do negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nossos inconscientes, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática (Nascimento, 2021, p. 45)

Neste segundo momento, serão destacados os demais questionamentos feitos durante a discussão online. Dessa forma, uma das primeiras perguntas na transmissão buscava entender quais eram os principais obstáculos para combater o racismo no rádio. Segundo Córtes, é necessário que gestores brancos reconheçam e confrontem o racismo dentro de si. Para ele, é fundamental reconhecer que a competência deve prevalecer como critério de seleção, independentemente de questões raciais, como destacou ao relatar os desafios enfrentados para ingressar e se manter na comunicação.

Os diretores não negros precisam refletir sobre onde o racismo está enraizado dentro deles, para que possam valorizar a competência acima da cor da pele. O papel do não negro deve ser o de desconstruir o racismo, promovendo a igualdade e adotando uma postura antirracista. Houve um concurso para locutores em uma grande emissora, com quase 500 candidatos. Fiquei entre os dez finalistas. Após uma semana, fomos chamados novamente, e conquistei o terceiro lugar. No entanto, o gerente, surpreso, perguntou: “Mas é você, Antônio Carlos Córtes?” Desde então, sigo esperando o retorno dessa emissora. Situação semelhante ocorreu quando concorri a uma vaga de apresentador de televisão. Apesar de ter sido considerado o melhor candidato, descobri, anos depois, que meu cabelo Black Power, nos anos 1980, foi um fator decisivo para minha exclusão. O mais grave é que sequer me perguntaram se eu gostaria de cortá-lo (Córtes, 2024, informação verbal).

A contribuição de Córtes escancara as práticas racistas que baseiam o processo de contratação nas emissoras de rádio e de televisão, que, apesar de atestarem a competência técnica do sujeito, os exclui, sistematicamente do processo devido a sua cor, desconsiderando sua capacidade técnica, formação, habilidades profissionais em razão de sua raça. Essa

realidade é atravessa por mecanismos sutis e persistentes de violência simbólica, como aponta Nascimento (2021):

A todo o momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém, como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos humilhar existiu. De certa forma, algumas dessas manifestações já foram inclusive incorporadas como parte nossa. Quando, entretanto, a agressão aflora, manifesta-se uma violência incontida por parte do branco, e, mesmo nestas ocasiões, “pensamos duas vezes” antes de reagir, pois, como expus acima, no nosso “ego histórico” as mistificações agiram a contento. De tal forma o preconceito racial contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil que ele existe latente e muitas vezes vem à tona nas relações entre nós mesmos (Nascimento, 2021, p. 40).

A análise de ambos os autores evidencia que o racismo nas estruturas midiáticas não se restringe ao campo das oportunidades, mas opera também em níveis simbólicos e subjetivos, produzindo efeitos profundos na identidade e trajetória de profissionais negros. Já para Denise e Renê, jornalistas e comunicadores negros precisam insistir em pertencer aos meios de comunicação de massa para que a representatividade seja ampliada, além do que continuar falando das temáticas negras, para além do mês de novembro. Mais do que sua insistência, é preciso que os meios de comunicação estejam abertos para recebê-los, que haja propostas que exijam e possibilitem sua entrada neste cenário, “se pudesse ter cota para jornalistas negros talvez melhoraria o cenário e não é por falta de qualidade” tanto no entretenimento quanto no jornalismo (Almeida, 2024, informação verbal).

Além disso, ainda sobre o mês de novembro, época em que se celebra o Dia da Consciência Negra, as pautas que têm o negro como centro da discussão acabam repercutindo com maior intensidade, no entanto, no restante do ano, pouco se fala e nada se faz. Por este motivo, os convidados discutiram sobre como deveria ser a abordagem radiofônica no Dia Nacional da Consciência Negra. Para Côrtes, é importante falar sobre a autoestima do negro, Denise entende que a reflexão sobre o movimento é bem-vinda e Renê sugeriu substituir os apresentadores brancos, que a audiência já conhece, por negros, nem que seja por um dia, para que se possa avaliar a repercussão. É importante mencionar que os negros carregam em suas essências, marcas da negra-brasilidade e respeitá-las faz parte do processo de pertencimento da negritude e, neste caso, os convidados responderam sobre as expectativas dos repórteres padronizados e os lugares de fala. Entre as respostas, Côrtes destacou a necessidade da primeira oportunidade para o negro entrar no rádio.

Eu lembro do grande Antônio Carlos, da Rádio Globo e Rádio Tupi, que lutou muito para conseguir entrar no rádio com todo aquele vozeirão, toda aquela competência e aquele talento. Hoje, está lá com quase 90 anos e com o mesmo pique. Vejam como é difícil ter a oportunidade, e é importante registrar também que, mesmo com os

avanços das políticas afirmativas, como a Lei 10.639, que inclui no currículo de educação a história da África e a história do negro no Brasil, os avanços ainda estão muito aquém da contribuição do povo negro no Brasil. E isso afeta todas as esferas, todas as escalas, todos os lugares de fala, e, logicamente, o rádio não fica imune a isso (Côrtes, 2024, informação verbal).

O depoimento de Côrtes (2024), e a dificuldade de ingressar em um espaço de domínio branco, também corresponde ao processo de entrada no doutorado de Kilomba (2019) na Alemanha:

Ele despertou a dor vinda tanto das margens quanto da “impossibilidade” de entrar no centro. A inscrição, tão emblemática da minha passagem para o centro, foi um longo e dúbio processo que parecia impossível superar ou triunfar. Lembro-me de como a lista de documentos necessários para se inscrever mudava toda vez que o processo parecia estar concluído (Kilomba, 2019, p. 59-60).

Em ambos os acontecimentos, é possível perceber as relações de poder desiguais quanto se trata de raça (Kilomba, 2019). A autora (2019) explica que a sociedade percebe os corpos negros como se estivessem fora do lugar e deslocados. Apesar de documentos, qualificações e experiências, ainda assim a presença negra é questionada e excluída. Para ela, a branquitude não precisa de *permissão* para ocupar espaços ou justificar decisões. Além desses aspectos, os convidados também apontaram que algumas programações de rádio contribuem para a perpetuação de estereótipos de diversas maneiras, seja por meio da seleção musical, dos timbres das vozes ou outros elementos. Durante sua fala, Denise expressou seu desconforto diante dessas práticas:

Também me incomoda muito ver humoristas recorrendo a estereótipos para fazer graça. Lutamos há muito tempo para conquistar espaços e apresentar outros conteúdos, mostrando que podemos estar em lugares, além desses papéis estereotipados nos quais muitos humoristas tentam nos reduzir (Cruz, 2024, informação verbal).

Renê, que acompanha e gosta de esportes, percebe a diferença no tratamento das trilhas e lista de reproduções, frequentemente usadas nos programas, que não possuem pessoas negras trabalhando.

Antes mesmo de o programa começar, a trilha sonora já dizia muito sobre ele. As músicas escolhidas para acompanhar as estrelas do esporte eram quase sempre rock ou, eventualmente, MPB. Eu raramente reconhecia essas músicas e, às vezes, só conseguia identificá-las depois, quando as ouvia em uma festa ou as associava a um artista que já tinha escutado antes (Almeida, 2024, informação verbal).

Desde que percebeu essa diferença, passou a questionar a falta de referências negras nestes espaços.

Com o tempo, comecei a me perguntar: por que nunca tocam samba ou pagode nos programas esportivos? Esses gêneros são fortemente ligados à cultura negra, mas parecem estar ausentes desse espaço. Se a pessoa que seleciona a trilha sonora não tem essa vivência ou referência, naturalmente escolherá um estilo que lhe agrada mais e, muitas vezes, isso exclui o samba e o pagode. Se eu tivesse essa escolha, por exemplo, certamente optaria por esses ritmos (Almeida, 2024, informação verbal).

Ainda sobre os estereótipos, Côrtes disse que as músicas e *playlists* ajudam a reforçar o racismo e lembrou de episódios que diminuem a autoestima negra:

Observo que, muitas vezes, as pessoas tentam minimizar ou distorcer questões importantes, em vez de enfrentá-las de frente. Lembro-me da época da Farroupilha, quando um artista era rotulado com um nome que não era o dele: Crioulo dos Pampas. Ele tinha uma música que transmitia uma lição. É preciso ter cuidado com músicas, piadas, sátiras e outras formas de expressão que reforçam estereótipos e afetam a autoestima da população negra. Certa vez, disse a um caricaturista: “Se é preciso recorrer ao preconceito, ao racismo e à segregação para fazer rir, então está faltando talento”. O humor pode ser inteligente e divertido sem apelar para esses artifícios. Isso vale para negros, judeus, asiáticos e outros povos historicamente marginalizados (Côrtes, 2024, informação verbal).

Tais observações mencionadas pelos palestrantes, como as escolhas das trilhas, comentários estereotipados ou a falta de autoestima negra, dialogam com o conceito de *racismo cotidiano* (Kilomba, 2019). Trata-se de episódios racistas que se naturalizam no dia a dia, operando de formas sutis e até mesmo imperceptíveis de discriminação racial, o ponto de vista de Almeida (2024), sobre a ausência de representatividade nos programas esportivos, exemplifica que este tipo de racismo se infiltra nas rotinas midiáticas, reforçando hierarquias culturais e simbólicas que privilegiam branquitudes e silenciam ou distorcem referências negras.

O termo “cotidiano” refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto”, mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família (Kilomba, 2019, p. 80).

Eles descrevem que o racismo não se restringe a casos hostis, mas se manifesta nas escolhas editoriais, na produção de entretenimento e no senso comum da comunicação.

Por fim, uma das últimas perguntas realizadas no evento corresponde às ações afirmativas que possibilitam o ingresso de pessoas negras diplomadas no mercado de trabalho e a dúvida corresponde ao tratamento das empresas de forma equânime deste contingente. Côrtes discordou dizendo que,

A Lei 10.639/2003, apesar de bem-intencionada e resultado do trabalho de profissionais altamente capacitados, na prática, ainda enfrenta desafios em sua aplicação. Muitas vezes, a cultura negra é abordada de forma superficial e restrita ao

mês de novembro, em vez de ser integrada continuamente ao currículo escolar ao longo do ano (Cortes, 2024, informação verbal).

Denise e Renê entendem que as cotas ajudam neste ponto, todavia a questão do mercado de trabalho, ainda precisa ser vista com maior cuidado. Denise destaca a necessidade de uma maior representatividade negra nos meios de comunicação, especialmente no rádio e no jornalismo.

Ainda falta avançarmos na representatividade nos meios de comunicação. Embora mais negros estejam se formando e chegando às universidades, a outra ponta do processo ainda necessita de muita atenção. Como conversamos no início, há poucos negros nas redações e raros ocupam posições de destaque no rádio, seja comandando programas ou tendo autonomia editorial. É fundamental que existam políticas que incentivem essa inclusão e, principalmente, que os gestores reconheçam e valorizem os talentos negros. O problema não é a falta de talento, temos muitas pessoas qualificadas e preparadas para ocupar esses espaços. O que falta, na verdade, são oportunidades (Cruz, 2024, informação verbal).

Denise Cruz reconhece que houve avanços, com mais pessoas negras acessando a educação superior e se formando, mas aponta que isso não se reflete diretamente na ocupação de cargos de destaque dentro das redações e emissoras. Segundo ela, o problema não está na falta de talento, mas sim na ausência de oportunidades e na falta de políticas efetivas para promover essa inclusão. Além disso, Denise enfatiza a responsabilidade dos gestores em reconhecer e valorizar profissionais negros, garantindo que eles tenham espaço para atuar com autonomia e liderança.

Para concluir, as demais perguntas realizadas no evento não foram descritas, pois se repetiam ou já haviam sido respondidas de alguma maneira, pelos convidados ao longo do evento. A transmissão encerrou-se com as considerações finais dos participantes, reforçando a importância da discussão sobre o racismo no rádio e a necessidade de avanços para uma mídia mais inclusiva e representativa, para além do Dia 20 de Novembro. O encontro proporcionou reflexões valiosas e destacou a urgência de ações concretas para ampliar a diversidade no setor.

4. CONCLUSÃO

Iniciativas como o 1º *NER Pergunta*, especialmente com a temática “*O rádio é racista?*”, abrem espaço para um debate necessário, ainda que tardio, sobre como o rádio no Rio Grande do Sul aborda e incorpora pautas de diversidade racial. Esse diálogo se torna ainda mais relevante no século XXI, marcado por avanços tecnológicos, políticas de inclusão racial e a valorização da cultura negra impulsionada por movimentos antirracistas, inclusive no ambiente digital.

Enquanto os negros do século XX enfrentaram períodos de guerra, transformações sociais e políticas, ditadura militar, além do legado brutal da escravidão, a atualidade exige uma revisão profunda da representatividade negra na mídia, especialmente no rádio. Pela primeira vez na história, a maioria da população brasileira se autodeclara parda, o que reforça a necessidade de um século que rompa com padrões excludentes e construa uma era de maior equidade racial e reconhecimento da diversidade no rádio.

Entretanto, apesar de seu alcance massivo, o rádio ainda reproduz o *racismo cotidiano*, limitando a presença de pessoas negras a posições isoladas e, muitas vezes, sem autonomia editorial ou cargos de liderança. Grada Kilomba (2019, p. 173) explica que esse fenômeno se caracteriza por um “círculo duplo, de inclusão e exclusão”: a presença de uma única pessoa negra em um ambiente majoritariamente branco é usada como símbolo de diversidade, mas, ao mesmo tempo, reforça a exclusão coletiva de outros negros, cujo acesso às estruturas de poder continua sendo negado.

Dessa forma, surge um questionamento central: quais são os atributos que realmente permitem que uma pessoa negra ocupe uma posição de destaque no rádio? Kilomba responde que, independentemente do espaço, negros e negras precisam “ser ao menos três vezes melhores do que qualquer pessoa branca, para se tornar igual” (Kilomba, 2019, p. 174). Esse “igual” não significa apagar a negritude, mas sim superar as barreiras que impedem o reconhecimento pleno do talento negro, como mencionado por Antônio Carlos Côrtes. Portanto, para que o rádio seja verdadeiramente inclusivo, não basta apenas abrir espaço para vozes negras, é necessário garantir que elas tenham autonomia, reconhecimento e oportunidades financeiras justas. O desafio, então, não é apenas diversificar, mas transformar as estruturas para que a presença negra no rádio não seja exceção, e sim a regra.

Portanto, para além desta abordagem inicial, a temática ainda demanda maior atenção por parte da academia, especialmente no que se refere à produção de dados que aprofundem os negros e negras pioneiros (as) na radiofonia gaúcha. Faz-se necessário o desenvolvimento de estudos quantitativos que sustentem, com base empírica, a análise da presença ou ausência de pessoas negras em emissoras comerciais de Porto Alegre. Questões como: Quantos profissionais negros utilizam o rádio como principal fonte de renda? Qual é a estimativa de mulheres negras em cargos de locução ou liderança nas rádios do estado? Em que medida as emissoras investem (ou deixam de investir) na diversidade de gênero, raça e faixa etária em suas programações? Tais indagações exigem tempo e aprofundamento investigativo, mas

podem contribuir significativamente para a construção de um panorama empírico que permita refletir criticamente sobre essas questões emergentes.

REFERÊNCIAS

1º NER Pergunta - O rádio é racista?. Realização de NER. Coordenação de Luiz Artur Ferraretto. Porto Alegre: Núcleo de Estudos de Rádio, 2024. (110 min.), Ao vivo, son., color. Série 1º NER Pergunta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8zWktEs4lY&t=61s>. Acesso em: 04 dez. 2024.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda**. IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CAROLINE, Joselaine; DEUS, Valesca de. Não vejo, não ouço e não falo: apontamentos sobre a (não) presença das mulheres negras no rádio. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. DOI: 10.55738/alaic.v22i44.1064. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1064>. Acesso em: 11 abr. 2025.

CAPITÃO, Rafaela. **Denise Cruz está de volta na 102.3**. 2021. Portal 102.3. Disponível em: <https://1023.clicrbs.com.br/blogda1023/2021/09/21/denise-cruz-esta-de-volta-na-102-3/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

DEUS, Sandra de Fátima Batista. **O rádio como espaço de visibilidade política: (governo da frente popular em Porto Alegre 1989/1990)**. 2005. 130 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6020>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DIAS, Guilherme Soares. (Brasil). Portal Guia Negro GON. **Qual o percentual de pessoas negras nos estados brasileiros?** 2024. Disponível em: <https://guianegro.com.br/qual-o-percentual-de-pessoas-negras-nos-estados-brasileiros/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar. 375 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. Organização de Alex Ratts. São Paulo: Ubu, 2022. 240 p.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Organização de Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 271 p.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, Profissão e Mobilidade**. O negro e o rádio em São Paulo. 2ª edição. Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PINTO, Luciana Cristina. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra, de bell hooks. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 65, p. e226523, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672079>. Acesso em: 29 maio. 2025.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. **Sopapo poético e etnomusicologia negra**: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre. 2020. 346 f. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213597>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Valesca Silva de Deus

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Ana Paula da Silva Menezes

Mestranda em literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional